

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS**

EDIVAN WATERKEMPER SILVEIRA

**CRIAÇÃO ARTÍSTICA E METÁFORAS BÍBLICA: UMA RELAÇÃO DE
EXPERIÊNCIA**

CRICIÚMA/SC

2020

EDIVAN WATERKEMPER SILVEIRA

**CRIAÇÃO ARTÍSTICA E METÁFORAS BÍBLICA: UMA RELAÇÃO DE
EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção de grau no bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Me. Jeferson Luís de Azeredo

CRICIÚMA/SC

2020

EDIVAN WATERKEMPER SILVEIRA

**CRIAÇÃO ARTÍSTICA E METÁFORAS BÍBLICA: UMA RELAÇÃO DE
EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas: Teorias da Arte

Criciúma, novembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Jeferson Luís de Azeredo - Mestrado em Educação (UNESC) - Orientador

Prof. Alan Figueiredo Cichela - Mestrado em Artes Visuais (UFRGS)

Prof. Alex Sander da Silva - Doutorado em Educação (PUCRS)

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que amo e que me deram suporte para chegar até aqui, sobre tudo minha família.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me abençoado, me dando saúde, força disposição, energia, foco para realização deste trabalho.

Agradeço a toda minha família em especial meus pais Onelia Waterkemper e Antonio Silveira por me apoiar me ajudando e transmitindo palavras de conforto me fazendo perseverar com meu objetivo.

A minha nona Venina Hahn Waterkemper por todo seu carinho me mostrando sempre o caminho certo a seguir.

Agradeço meus amigos e irmãos na fé da Igreja Batista Graciosa Paz do Bairro Verdinho, que me ensinaram e ainda me ensinam a prosseguir no caminho de Deus, orando e me abençoando através dEle.

Agradeço ao meu pastor e amigo Márcio Farias Fernandes por todos conselhos, pelos ensinamentos, por me fazer continuar firme confiando e acreditando em Deus.

Agradeço minha amiga Claudete Farias que sempre teve a maior disposição para me ouvir, me aconselhar e me ajudar em todo o percurso dos quatro anos de graduação independente o momento.

Agradeço também em especial ao meu orientador Jeferson Luís de Azeredo por toda sua paciência e atenção durante o longo percurso desse trabalho.

A minha banca examinadora, professores Alan Figueiredo Cichela e Alex Sander da Silva por terem aceitado o meu convite para contribuição da minha pesquisa.

Não tenho palavras para agradecer pela oportunidade de compartilhar maravilhosas experiências com meus colegas que estão desde o começo da graduação comigo. Em especial a Barbara Sonai, Bruna Speck, Fernanda Baldin e Paola Bleyer. Amo vocês e levarei pra toda vida!

Além disso, agradeço as outras inúmeras pessoas que me conhecem, que me trouxeram energias positivas e que partilharam essa minha incrível e incansável trajetória comigo. Amo todas (os).

**“Cada um tem o direito de adorar a Deus
em sua própria metáfora.”**

Kenneth Burke

RESUMO

Pensar a relação da arte com as metáforas é necessariamente um deixar-aparecer uma outra realidade que não esta, é convocar o potencial de disposição a uma empreitada de intensa e inesperada experiência pois, quando as palavras se abrem para novas possibilidades acessá-las, somente pela via da compreensão. Alijamos essa compreensão a partir de Paul Ricoeur, Aristóteles e Friedrich Nietzsche especialmente, em que, pela base conceitual erigida também foi possível dialogar no campo das metáforas Bíblicas como um tipo mais específico de experiências possibilitando também a criação artística. Através de algumas passagens bíblicas, em que constam figuras de linguagem, foi possível uma produção que recorre a esta experiência em que aproxima e experiência religiosa, pensamento e público, confirmado através de outros artistas contemporâneos por exemplo como Marcel Duchamp e Hieronymus Bosch, além da produção que me dispus a realizar.

Palavras-chave: Metáforas Bíblicas. Arte Contemporânea. Experiência. Criação.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Marcel Duchamp	25
Imagem 2 - A Fonte.....	26
Imagem 3 - O Grande Vidro	27
Imagem 4 - Hieronymus Bosch	29
Imagem 5 - O Jardim das Delícias	30
Imagem 6 - Sem Título, Edivan Waterkemper Silveira (2019).....	38
Imagem 7 - Sem Título, Edivan Waterkemper Silveira (2019).....	38
Imagem 8 - Sem Título, Edivan Waterkemper Silveira (2019).....	39
Imagem 9 - Sem Título, Edivan Waterkemper Silveira - projeto (2019)	40
Imagem 10 - Sem Título, Edivan Waterkemper Silveira - Projeto final (2019).....	40
Imagem 11 - Sem Título, Edivan Waterkemper Silveira - arte final (2019).....	41
Imagem 12 - Mãos e Fragmentos (2019)	41
Imagem 13 - Mãos e Fragmentos (2020)	42
Imagem 14 - Mãos e Fragmentos (2020)	42
Imagem 15 - Mãos e Fragmentos (2020)	43
Imagem 16 - Processo 1	43
Imagem 17 - Processo 2	44
Imagem 18 - Processo 3	44
Imagem 19 - Mãos e fragmentos (2020)	45
Imagem 20 - Mãos e fragmentos (2020)	45
Imagem 21 - Mãos e fragmentos (2020)	46

SUMÁRIO

1 POR ONDE TRILHAMOS	9
2 UM OLHAR SOBRE AS METÁFORAS.....	13
2.1 NOSSO RECORTE: METÁFORAS BÍBLICAS	20
3 ARTE, ARTISTAS E UMA APROXIMAÇÃO COM AS METÁFORAS	25
3.1 NOSSO SEGUNDO RECORTE: ARTE CONTEMPORÂNEA	31
4 METÁFORAS COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO.....	35
5 À GUIA DE CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS.....	48

1 POR ONDE TRILHAMOS

Eu sempre tive um relacionamento com Deus, Ele sempre foi um ponto importante na minha vida. Desde cedo frequentei a Igreja e sempre estive envolvido com a religião, ou seja, sempre preservei a experiência do sagrado, a experiência da fé.

Mesmo tendo conhecido outras religiões, a fé que vivencio a partir da Igreja Batista Graciosa Paz é a que me constitui, sem sombra de dúvidas. Conheci a Igreja Batista Graciosa Paz com dezoito anos de idade e foi nela que comecei a perceber as escrituras bíblicas com maior atenção. Comecei a frequentar os cultos e a participar das orações que são feitas no alto do morro que chamamos de monte. Nesse lugar de oração sempre estavam muitas pessoas, de vários lugares. Algumas destas pessoas iam por curiosidade, algo de sobrenatural, que acontecia durante a oração, como galhos, folhas e até mesmo insetos que brilhavam em cores de verde e alaranjado fluorescente, o que não é comum. No meu caso, antes de não conhecer esse lugar, eu acabei indo também por curiosidade.

Então, por me sentir bem nessa religião e entender os costumes desse lugar, fiquei com vontade de poder contribuir e até ter um cargo, um trabalho, um serviço voluntário em que eu pudesse ajudar de alguma forma. Porém, antes de poder ajudar na igreja eu tinha que me “batizar nas águas” expressão essa de me entregar verdadeiramente ao que escolhi seguir, que é ser obediente a Deus e fazer suas vontades. Sendo assim, essa foi minha decisão.

Foi a partir do batismo que comecei a ajudar nos cultos fazendo a introdutória, que consiste em ler uma passagem da Bíblia seguido de uma explicação. Com isso, minha curiosidade aumentou, pois ao encontro dos textos bíblicos que me experienciei as metáforas.

Entretanto, antes de conhecer as metáforas em questão, eu já fazia produções em escultura, até mesmo tendo a Bíblia como inspiração, pois o objetivo era esculpir coisas que me atraíam, como escultura de hexagonal com a Bíblia ao centro, desenhos de Bíblia, mosaicos de igreja para mostrar como representando os

trabalhos do artista Aleijadinho (1738-1814)¹. Assim, sempre trazia em minhas produções o tema fé.

Entretanto, havia algumas questões em aberto, eu sempre estava tentando me encontrar, sempre tentando entender o porquê de produzir a partir da Bíblia ou com ela, as vezes até pensando que minha produção era muito superficial. A virada surge quando conheci o que são metáforas, mesmo que elas sempre me fascinaram, ainda não as conhecia para além de uma explicação gramatical, ou apenas uma figura de linguagem de duplo sentido.

Assim, uma grande pesquisa se iniciou, descobri que as metáforas transitam em diversos mundos-possíveis, podem passar de um simples ornamento retórico para um viés criativo. Pelo estudo e uso das metáforas como criação artística, pude produzir, a partir de uma relação com as escrituras bíblicas, uma referência à sociedade. Surgiu-me a ideia de trazer as mãos como centro desta referência metafórica, capaz de arrancar do comum a uma experiência de pensamento e relação religiosa.

Partindo destas experiências e reflexões apresento neste projeto o problema de pesquisa que me impulsionou: **Como as metáforas bíblicas nos fazem relacionar experiência e pensamento como ato criativo à arte?**

Creio que seja de suma importância como artista, pesquisador e pessoa pensar nesse diálogo da arte contemporânea como um ato criativo levando em consideração as metáforas da Bíblia. Sendo assim trago como questões norteadoras: Como usar as metáforas da Bíblia como disposição para produção de arte? Como entender através de renomados nomes tanto filósofos quanto artistas a ideia de criar? De que forma as metáforas nos convidam a criar arte?

Quando penso em metáforas e a necessidade de pensar a arte começo a escrever o primeiro capítulo para entender a metáfora no ponto de vista de grandes filósofos que tem sua ideia de metáfora, mas que também não deixam fugir do ato criativo de pensar como um duplo sentido, entender como parte poética e de ressignificar. Filósofos esses como Aristóteles, Nietzsche, Ricoeur e outros. Indo em direção ao subcapítulo de olhar para a metáfora da Bíblia com um olhar mais criativo e entender que por ser metáforas bíblicas não podemos compreender subjetivamente, pois ela já tem um viés religioso. Mas que de qualquer maneira nos proporciona a

¹ Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido como Aleijadinho, foi um importante escultor, entalhador e arquiteto do Brasil colonial.

pensar também em criar. Partindo então ao capítulo sobre artistas como Duchamp e Hieronymus Bosch como precursores da arte contemporânea em que utilizavam objetos e pinturas com intuito metafóricamente de que é possível criar arte. Logo após seguimos ao subcapítulo de entender a arte contemporânea, a arte que causa estranheza, mais também causadora de admiração. E chegando ao último capítulo trago minha ideia de pensar a metáfora, constando minha trajetória como artista descobrindo através da pesquisa de que eu também faço parte desses tantos outros artistas e que tenho a liberdade de criar e produzir arte com metáforas. Nesse último capítulo eu escolho as mãos, as mãos se devem por causa da relação entre o profano e o sagrado, as mãos como metáforas nos mostram que tanto na Bíblia quanto na sociedade em geral elas foram e ainda são úteis, conseguindo relacionar a Deus que curava, que ajudava, que estendia sua destra sobre os seus e que todos nós também podemos ser úteis para alguém, independente se a mão seja deficiente ou não.

O objetivo que busco na pesquisa em artes visuais é a partir de conceitos teóricos para assim seguir em busca da aplicação da prática. Torna-se então uma pesquisa básica em busca da descoberta da verdade e de novos conhecimentos, gerando um método indutivo que se fundamenta em experiências particulares. É também uma pesquisa qualitativa porque trabalha com subjetividade e não por medidas/números. Seguindo então por uma pesquisa exploratória, buscando por referências que norteiam meu tema e que criam corpo a escrita, usando técnicas bibliográficas para assim surgirem novos caminhos.

Essa pesquisa que busco desenvolver insere-se na linha de pesquisa, processos e poéticas: teorias da arte: abordagens das teorias da arte e seus processos de criação e reflexão. Obra e discurso². O método de estudo se enquadra na pesquisa em arte.

Vendo que minha produção não se baseia teoricamente em escrituras, ela se transfigura da escrita em forma de poema, que se transforma em imagens, segundo Rey (2002, p. 134) “o objeto da Poética não se constitui pelo conjunto de efeitos de uma obra percebida, não é a obra acabada, nem a obra por fazer: é a obra se fazendo.” Percebendo que a poética já é por si só uma obra que continua se fazendo, ela não é terminada. A obra que não se finaliza em um ponto determinado, ou seja, “[...] a obra pode ser comparada a uma flecha que é lançada por alguém que percorre

² Disponível em: http://www.unesc.net/portal/resources/files/42/ROTEIRO%20PPC%20-%20BACHARELADO%20OFICIAL%2001_09_2014.pdf.

um determinado caminho não sabendo qual alvo irá atingir” (REY, 2002). Consigo imaginar um processo em que a obra se fazendo pode percorrer a muitos olhares, com isso procuro desenvolver minha produção com mãos através de uma instalação, mãos com variadas imposições, deficiente, indeficiente e fragmentadas.

2 UM OLHAR SOBRE AS METÁFORAS

Ao analisarmos o significado e uso da “metáfora”, nos deparamos com fenômeno que se torna objeto de estudo alçado desde a antiguidade clássica ocidental, bem como, se torna uma discussão longe de consensos. desde Aristóteles (384-322 a.C) até autores da modernidade como Descartes (1596-1550) e Nietzsche (1844-1900), há inúmeros estudos dirigidos à metáfora, o que nos provoca e ao mesmo tempo exige metodologia para que essa gama de fundamentações ao longo da nossa história mais recente, por exemplo, possam nos fornecer, pelos usos da metáfora, uma discussão que nos garanta uma visão mais aberta de mundo e sobre nós mesmos.

Voltando a este contexto mais antigo, especialmente com Aristóteles, que inicia o debate teórico e funcional sobre metáfora, por exemplo, em que já prescrevia que seu uso não poderia ser restrito a uma redução como paráfrase literal, ou uma simples figura de linguagem, embora que em alguns dos trabalhos do filósofo podemos perceber uma indicação mais formal afastando-se de um apelo ao ato criativo, como nas obras “Poética” (capítulos XXI, IX, XVI e XXII) e “Arte Retórica” (Livro II, III, IV, VI, X e XI), em que o Estagirita argumenta que “a metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia.” (ARISTÓTELES, 1998, p.134 *apud* LIMA, 2005, p. 10).

Compreendendo aqui, que a metáfora se torna um ornamento retórico para quem o interpreta, o que indica sobretudo carência de outras referências para além do dizer como objetificação, recorreremos também ao dicionário de filosofia, onde podemos ver mais resumidamente como Aristóteles compreendia a metáfora:

A Metáfora, consiste em dar a uma coisa um nome que pertence a outra coisa: transferência que pode realizar-se do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, de uma espécie para outra ou com base numa analogia”. A noção de Metáfora. algumas vezes foi empregada para determinar a natureza da linguagem em geral (v. LINGUAGEM). Como instrumento linguístico, hoje sua definição não é diferente da definição de Aristóteles. (ABBAGNANO, 2007, p. 667).

Entretanto, mesmo diante de um “afastamento” ao ato criativo, há sim algumas indicações opostas feitas por Aristóteles, de que metáfora “revela o engenho natural do poeta” (ARISTÓTELES, 1998, p. 134 *apud* LIMA, 2005, p. 10), trazendo à

tona pela semelhança o que a palavra não deu conta de mostrar, o que nos leva a pensar que este trabalho estava incompleto para este grande filósofo, deixando para nós uma segunda possibilidade quanto ao uso e interpretação das metáforas, mas reforçamos que, nada além de uma função de indicação ainda, pois para Aristóteles:

[...] a ausência do termo de comparação na metáfora não implica que a metáfora seja uma comparação abreviada, mas, pelo contrário, que a comparação é uma metáfora desenvolvida. Ora, a comparação diz, “isto é, como aquilo”; e a metáfora diz, “isto é, aquilo. (OLIVEIRA, 2018, p. 9).

Ao encontro desta “abertura” para pensarmos a metáfora de outra forma, vemos no trabalho do professor Ivor Armstrong Richards (1893-1979), que também se aproxima da leitura Aristotélica, em que se pode “atingir a cognição pelo uso metafórico, pois promove a mudança da teoria retórica da substituição para uma teoria semântica da interação.” (CARDOSO, 2016, p. 4). Isso nos permite iniciar uma discussão em que agora, o ser humano pode também ressignificar o mundo, renomeá-lo, reorganizá-lo, o que não é somente uma analogia.

É por esta linha teórica que Richards apresentou argumentos fortemente esclarecidos que se desdobram em uma saída da metáfora como erro ou desvio da linguagem ordinária a uma possibilidade de compreensão da própria cognição humana ou ainda, da própria atividade de ser e pensar, agora indo ao encontro do que já apontava Friedrich Nietzsche (1844 -1900) especialmente em seu livro *Verdade e mentira no sentido extramoral*, dizendo que, “toda metáfora da intuição é particular e sem igual, escapando sempre portanto à qualquer classificação.” (NIETZSCHE, 1983, p. 14).

Ao comparar o ser humano a um animal audacioso, Nietzsche cria sua realidade a partir da natureza das coisas, agora percebidas a partir desta vontade, ou seja, são definidas por ela. Para ele, o ser humano criou sua maneira de existir, de persistir na existência, que é o seu próprio intelecto, entendendo o intelecto do ser humano como efêmero, chamado por ele de “*pathos* da verdade”, que seria um estado de ânimo.

Porém, foi também este *pathos* que o levou finalmente ao desencanto e ao desespero quando ele adquiriu a consciência da absurdidade e efemeridade da existência e quando ele descobriu que a verdade, tal como buscada até então pela tradição filosófica, era simplesmente engano, engodo, armadilha. (NIETZSCHE, 1983, p. 6).

Sob esta condição de metáfora como verdade que Nietzsche apresenta uma “saída” a um modo de ser menos criativo, que seria o demasiado uso da razão lógica e calculadora, como podemos ver quando ele contrapõe a metáfora da aranha e da abelha, comparando-a ao ser humano, dizendo, “ora, produzimo-las em nós e projetamo-las fora de nós segundo a mesma necessidade que leva a abelha a tecer sua teia”, a aranha porque constroem de si sua armadilha (teia), já o ser humano constroem uma armadilha filosófica, discursiva, argumentativa. (NIETZSCHE, 1983, p. 17). A abelha por sua vez produz o seu mel a partir da natureza ao contrário da aranha ela não faz armadilha para os outros, mais algo bom, ou seja, vivemos em um mundo fictício.

E para o ser humano continuar sobrevivendo ele usa esse intelecto mentindo e para isso ele deve se manter em um convívio social porque sozinho ele não sobrevive, ou seja, o ser humano usa dessa mentira em sociedade para trabalhar e adquirir suas coisas, seu alimento. O ser humano precisa viver no meio da sociedade porque é na sociedade que ele encontra afeto, atenção, respeito. O ser humano em sociedade precisa do próximo para continuar prosseguindo a vida, ele não se compara a abelha que a partir da natureza sobrevive, ele precisa das outras pessoas em sua volta para continuar na existência se autoconservando. Porém ao contrário da verdade a mentira pode ser prejudicial ao convívio com outras pessoas, excluindo-se de vez.

Na filosofia a metáfora aparece sobretudo sendo trabalhada como linguagem que é transformada em palavras e as palavras transformadas em conceitos que são transformadas em “organizadores” de entendimento da realidade, ou quando vemos que Nietzsche entende as palavras como representações de sons, ou seja, ao pronunciarmos tal coisa o nosso pensamento já capta o que quer dizer. Então para ele a verdade é metáfora, metonímia, abstração, antropomorfismo ou ficção. A partir de Monteiro (2012) Nietzsche diz que “o ser humano sendo genuíno em criar, quando fala em cores, objetos ou animais, ele possui de metáforas das coisas que não corresponde as essencialidades delas.” A verdade não só sendo metáfora ela também se resume a engano.

Ainda nesta via de metáfora como criação, como possibilidade aberta de compreender o mundo e a nós mesmos, vemos George Lakoff (1941) e Mark Johnson (1945) que compreendem a metáfora na conjugação de processos sociolinguísticos e discursivo-cognitivos, entendida aqui como uma figura de linguagem usada para melhor compreensão das coisas.

A metáfora se faz presente subjacente a linguagem cotidiana o que provoca uma saída a uma redução dicotômica do real/objetivo x ficcional/subjetivo. Assim, a metáfora se comportaria como pensamento poético, por desacomodar a palavra da sua referência fechada ao objeto, que vem ao nosso encontro para uso e consciência. O que está em jogo aqui é uma palavra para além de ser representada na função objetificadora se abre como uma possibilidade de criação de mundo, de realidade que foi deixada para trás pela forma de pensar resumida em consciência e uso.

De encontro a esta simplificação da metáfora, Lakoff e Johnson (2002, p. 45 *apud* SAMPAIO; LAMARÃO, 2015, p. 4) compreendem a metáfora não só como ornamento retórico ou um recurso da linguagem poética, mas como “infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Faz parte de nosso sistema conceptual que é metaforicamente estruturado e definido.” Isso nos leva a pensar que estamos até mesmo sem perceber usando as metáforas de diversas maneiras em nosso cotidiano, como num diálogo com as coisas, para além da linguagem objetiva e mais convencional.

Assim, se em Aristóteles as metáforas eram usadas como figura retórica, estilística e linguísticas prioritariamente, vemos uma outra forma de compreendê-las aqui. Podemos também perceber essa “outra via” em Deleuze e Derrida, por exemplo, que entendem a metáfora como necessidade de se dizer exatamente o que quer dizer mas no uso de outras palavras, como por exemplo: “aquela menina é uma flor”, ao invés de dizer que ela é “MEIGA”, isso avança no sentido da palavra direta e objetiva e abrange um significado mais profundo e talvez misterioso, mas ainda pertencente ao mundo da vida, que vai se mostrando mais significativo ainda. Esse mistério também se dá como uma experiência na e pela metáfora.

Usamos muito mais a indicação objetiva, dando nomes “exatos” as coisas e situações, porque é a forma mais simples de fazer com que uma pessoa possa entender o que queremos, mas, para Gilles Deleuze (1925-1995), ao dizermos algo pelas metáforas, tiramos todo sentido do enunciado como posição indicativa e iniciamos um esvaziamento, em partes, da “nossa capacidade de entendê-lo, assim como a sua própria capacidade de se fazer entender” e “evocamos” uma leitura mais profunda das coisas, porque se abriu para uma atenção diferenciada e uma condição de nova apropriação, que antes não era o foco. (DELEUZE; GUATTARI, 1998, p. 26 *apud* ZOURABICHVIL, 2005, p. 1311).

Pela metáfora, usamos, “isto é, aquilo” como uma forma literal para dar o sentido original para a melhor compreensão das coisas, mas:

[...] temos que crer no que dizer, que temos que dar sentido e não apenas dizer que tal enunciado torna-se uma metáfora, mais que a metáfora propriamente dita é apenas isso, é isso que se refere é isso que quer dizer. (ZOURABICHVILI, 2005, p. 5).

Deleuze quer dizer com isto que a todo momento que usarmos metáforas temos que crer no que está sendo dito, acreditar que as metáforas usadas fazem sentido, fazendo analogia com algo visível e do dia a dia, assim como aponta Ricoeur sobre o linguista Ivor Armstrong Richards, que:

[...] conceitua a metáfora como uma construção resultante de duas ideias: tenor e vehicle, equivalendo, respectivamente, à “ideia original” e à “ideia tomada de empréstimo”, ou seja, aquilo que está sendo dito ou pensado e aquilo com que está sendo comparado. (OLIVEIRA, 2018, p. 49).

Já Para Lakoff e Johnson (2002, p. 45 *apud* SAMPAIO; LAMARÃO, 2015, p. 4), “os conceitos que governam nossos pensamentos não são meras questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade nos detalhes mais triviais.” E é nesse sentido, onde todos mesmo sem saber que estão usando da metáfora, entendem do que se trata, porém, ainda é questão de cada indivíduo interpretá-la.

Para Richards, em “Metáfora e Discurso Filosófico” “a metáfora tem validade para todas as formas de duplo sentido, podendo ser ligada às intenções, às pressuposições e às convenções veiculadas pelas partes ausentes do contexto.” (OLIVEIRA, 2019, p. 4). Eles nos apontam assim, que “as metáforas se resumem em conceitos como estruturais, orientacionais e ontológicos.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45 *apud* SAMPAIO; LAMARÃO, 2015, p. 5). A metáfora estrutural refere-se que na vida nunca temos tempo o suficiente para fazer as coisas, sendo assim, surge a metáfora de que “tempo é dinheiro”, domínio alvo. Já a metáfora orientacional nesse caso é um pouco menos que a estrutural, a palavra orientacional refere-se à oposição como cima-baixo, frente-trás. Exemplo: se alguém estiver para cima quer dizer que essa pessoa está bem, alegre, motivada, agora quando alguém estiver para baixo quer dizer o contrário. E por último não menos importante encontra-se a metáfora ontológica ela está concebida pelas nossas experiências com substâncias e objetos físicos, como referir-se, quantificar, identificar aspectos, identificar causas.

Através desses três conceitos existe também a personificação. A metáfora personificada que cobre inúmeros aspectos diferentes de uma pessoa, segundo Lakoff e Johnson (2002, 87-88 *apud* SAMPAIO; LAMARÃO, 2015, p. 6), “é o fato de serem extensões de metáforas ontológicas, permitindo-nos dar sentido a fenômenos do mundo em termos humanos, como base de nossas próprias motivações, objetivos, ações e características”, podendo então atribuir a cada pessoa um pensamento abstrato.

Conhecendo através de Lakoff e Johnson (2002) em seus estudos e suas descobertas sobre os sentidos que nos levam a identificar mais conceitos que a palavra metáfora nos traz, de saber que ela por sua forma e maneira de se apresentar como múltiplos aspectos e de nos fazer compreender a forma que usamos, posso considerar que o jeito que interpretamos é diferente de outras pessoas gerando assim esse pensamento abstrato como eles apontam.

Quando a metáfora é colocada em circulação ela acaba que sendo apagada o duplo sentido que se faz para o sentido próprio:

A metáfora, mesmo sustentada por qualquer que seja o alicerce, não se deixa dominar por si própria, nem pelo que a engendrou, isto é, ela se faz crescer no seu solo, de modo que o conceito de metáfora tenta em vão compreender sob a sua lei a totalidade do campo ao qual pertence. (DERRIDA, 1991, p. 260 *apud* AGUIAR, 2017, p. 6).

Já Ricoeur (1913-2005), destaca em *Metáfora viva* (2000), que não se deve descartar a imagem (figura) da linguagem poética, pois “[...] a função da metáfora é instruir por uma aproximação súbita entre coisas que se parecem distantes.” (RICOEUR, 2000, p. 58). Sendo assim, para ele, fazendo uma relação com Lakoff e Johnson (2002), a imagem metafórica torna a cada indivíduo uma nova forma de interpretar, em que a imagem traz ao observador inúmeros níveis de significação, “com isso, a metáfora tem validade para todas as formas de duplo sentido, podendo ser ligada às intenções, às pressuposições e às convenções veiculadas pelas partes ausentes do contexto.” (OLIVEIRA, 2019, p. 4).

Ricoeur (2000) afirma que o pensamento está em disputa, tencionando o literal e o figurado, pela metáfora que atíça o imaginário e a imaginação, construindo uma teoria da imaginação a partir da compreensão e da explicação metafórica que o faz entender cada vez mais a metáfora e a imaginação como atividades do pensar. Portanto, a metáfora não tem somente um papel determinante no discurso que quer

apresentar uma ideia, mas, no pensamento, que se dá como uma experiência, como uma condição de ser.

Dessa via assumida aqui sobre o significado e uso de metáforas, me deparei com um tipo especial de metáforas, a Bíblica. E indo ao encontro destes autores citados como Deleuze, Ricoeur, Nietzsche, Derrida, busquei aprofundar o olhar e perceber como as metáforas Bíblicas se apresenta como fundadora de um outro tipo de interpretação e compreensão das coisas, mas também como uma experiência. e justamente por esta ideia de experiência que apostamos aqui que a metáfora também se transforma em uma imagem, ou melhor, a imagem como metáfora. Mas como resgatar as metáforas Bíblicas como imagens?

Percorri esta via de compreender as metáforas Bíblicas como imagens a partir da minha trajetória como um artista visual, especialmente indo ao encontro das palavras de Ricoeur (2000) de que ao pronunciar uma metáfora relacionamos a algo que parece estar distante, mas agora o aproximamos e tornamo-lo íntimo. Sendo que para Ricoeur (2000), Lakoff e Johnson (2002), as metáforas fazendo-se parte do dia a dia do homem, ela também tem esse poder de trazer a liberdade de experimentar novas experiências de pensar e criar, pois a todo momento nós estamos nos apropriando de forma verbal da linguagem metafórica.

Foi por estes autores até aqui citados que “caminhamos” nesta via apontada anteriormente, e que agora será continuada com uma discussão a partir do filósofo Francês Jacques Rancière (1940)³ professor da Universidade de Paris, tendo como objetivo trabalhos mais concentrado na área da estética e política, sendo assim, ele expõe uma espécie de divisão que nos ajudará ao analisarmos as metáforas como imagens.

“A partilha do sensível” sendo um de seus livros Rancère (2005, p. 16) diz que “uma obra de arte vai depender de seu tempo e espaço a ser inserido”, ou seja, ressignificando, reconstruindo, modificando de seu habitual pertencimento.

Rancière (2005, p. 28-32) fala sobre três grandes regimes de identificação, o regime ético das imagens, o regime poético ou representativo das artes e o regime estético:

³ Quem é o sujeito dos Direitos do Homem? Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/17909-Outros-56703-1-10-20190530.pdf.

O regime ético das imagens não é identificado enquanto tal, mas se encontra subsumida na questão das imagens. Há um tipo de seres, as imagens, que é objeto de uma dupla questão: quanta à sua origem e, por conseguinte, ao seu teor de verdade; e quanto ao seu destino: os usos que têm e os efeitos que induzem” [...] O regime poético ou representativo das artes “[...] podem ser reconhecidas como pertencendo propriamente a uma arte e apreciadas, nos limites dessa arte, como boas ou ruins, adequadas ou inadequadas.” [...] E o regime estético “Estético, porque a identificação da arte, nele, não se faz mais por uma distinção no interior das maneiras de fazer, mas pela distinção de um modo de ser sensível próprio aos produtos da arte. [...] Remete, propriamente, ao modo de ser específico daquilo que pertence à arte, ao modo de ser de seus objetos.

Nisso vemos que Rancière (2005) também vem trabalhando com as dimensões das metáforas, especificando esses três regimes, sendo que elas são um ponto importante para pensarmos, porque trabalha com a estética, a poética e principalmente a ética. Na ética nos convida a ter um modelo de homem, de bem.

Por esta leitura, vamos adentrar no jogo da linguagem das metáforas Bíblicas para só então resgatar o poder da imagem como metáfora.

2.1 NOSSO RECORTE: METÁFORAS BÍBLICAS

Compreendemos que as metáforas na Bíblia também exigem este olhar mais atento e aberto, e não só um endereçamento de uma palavra a um objeto ou situação, mas sim, o exercício do pensamento e da imaginação que fundam nossa realidade, que produzem o mundo da vida no qual estamos inseridos.

As metáforas na Bíblia precisam ser lidas e compreendidas, indo ao encontro de uma abertura poética, em que por “de trás” da metáfora ela traz uma carga histórica-contextual e de múltiplas relações, em que não para por aqui, pois ela produz a experiência de um mundo. Então não podemos usar as metáforas como uma compreensão subjetiva porque ela tem um viés religioso, ou seja, ela tem uma base pré estabelecida que é a ideia de unificar os modelos de verdade, modelos esses que vão ao encontro de um projeto religioso que é a moral, o bem, a solidariedade, conceitos esses que são religiosos que é o que a metáfora quer traduzir, porém não como regras e objetos representados, mais como um convite a essa forma de pensamento, ou seja, a pessoa se identificando com a metáfora.

Há múltiplas metáforas dentro do livro “Bíblia Sagrada”, que não podem ser confundidas com parábolas, pois:

A parábola é um tipo de linguagem figurada em que se fazem comparações; mas, em vez de usar uma só palavra ou expressão para a comparação ou analogia, como ocorre num símile ou numa metáfora, a parábola faz uma ampla analogia em forma de história. (ZUCK, 1994, p. 225 *apud* KUNZ, 2006, p. 9).

Em outras palavras, as parábolas são histórias em que as metáforas estão inseridas dentro dela.

Como já mencionado anteriormente de que na Bíblia há diversas metáforas e suas formas de interpretá-las, em “Lucas” capítulo 13, versículo 32 há uma das passagens que diz “Ide, e dizei aquela raposa” nessa passagem da Bíblia há dois tipos de interpretações, uma é a pessoa que no caso o Rei Herodes está sendo comparada a um animal e/ou dizendo que o rei é astucioso e malvado. Vemos que não sendo apenas a metáfora como analogia, mais para interpretá-la tem que ter o conhecimento histórico das escrituras, caso contrário esses versículos e tantos outros seriam interpretados de forma contrária do que se quer que entenda. São formas que conhecendo o contexto onde está inserido que vai determinar o enunciado real, ou seja, tem que ler o texto para entendê-lo. Como por exemplo em “Isaias” capítulo 40 versículo 31: “mas os que esperam no Senhor renovarão as forças, subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão” Nesse versículo Deleuze diria “que esses enunciados perdem todo sentido se neles vemos metáforas; ou de que, se eles têm um sentido, é ao custo de uma compreensão literal.” (ZOURABICHVILI, 2005, p. 5). Sendo assim, não é necessário as palavras “asas” e “águias”, porque elas tiram todo sentido real da coisa em si.

Ricoeur (2006, p. 228) comenta que “em primeiro lugar, vem o encontro com o acontecimento, depois a mudança na direção do coração e, depois, o agir em função disso.” É lendo do começo para se saber de onde surge tal analogia. Não queremos “olhar” para esta interpretação das metáforas apenas com este olhar histórico ou de referências objetivas, mas olhar o que ainda pode se desdobrar quando se experimenta a metáfora como “ação”, como parte fundante do que somos e fazemos.

Nenhuma tradução em linguagem abstrata é oferecida, mas somente a violência de uma linguagem que do começo ao fim pensa através da metáfora, e nunca além dela. O poder dessa linguagem é que ela se mantém até o fim completamente na tensão criada pelas imagens. (RICOEUR, 2006, p. 229 *apud* PINTO, 2011, p. 8).

Imagina-se então sempre um enunciado voltado a forma de imagem e nunca além do que ela realmente ofereça, pois o que está em jogo, já é uma outra condição do pensamento, ou seja, o primeiro contato que se tem destas metáforas é primeiramente imaginar em forma de imagem do que está sendo lido, ao invés de saber (referencialmente) o que está sendo representado. E esse tipo de olhar é o que podemos observar quando nos deparamos com essas metáforas.

Sendo assim, primeiro temos que entender que aquele que traduz as metáforas da Bíblia entende que o que Jesus quer dizer, ou também, pode ser o que ele não queria dizer, como no Evangelho de Tomé "o reino está dentro de vós e está fora de vós", ou seja, essa passagem da Bíblia quer dizer que Deus permanece em nosso meio através dos que vivem e pregam a palavra dEle. Como diz Northrop Frye (1912-1992) "à medida que lemos, nossa atenção caminha em duas direções: uma para o exterior, em busca do significado convencional ou memorizado, e outra para o interior, em busca do significado específico e contextualizado." (FRYE, 2004, p. 84). Percebemos então que a Bíblia é uma leitura literária, pois ela é formada por multiplicidades de perspectivas ao longo do percurso da leitura.

As escrituras Bíblicas nos fazem pensar que são escritos mitológicos por conter histórias, mitos, lendas. Sendo que a Bíblia conta a história do passado e futuro de Israel. Segundo Frye (2004, p. 91):

Se 'congelarmos' a Bíblia numa unidade simultânea, ela aparecerá como uma única metáfora, gigantesca e complexa; primeiro, num sentido tautológico, pois todas as estruturas verbais são metafóricas por justaposição; segundo, no sentido específico de conter uma estrutura de imagens significativamente reiteradas.

Há metáforas na Bíblia que nos mostram que suas referências são comparadas como figura de linguagem como podemos ver em Gênesis capítulo 49⁴, sendo que no decorrer desse texto o capítulo é explicitado e comparado a uma analogia, tratando os filhos de Jacó como animais e coisas. Conseqüentemente em "João" capítulo 10, versículo 11: "Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas", também é usado essa imagem, simbolizando o "Bom Pastor" que no

⁴ Como se trata de um capítulo muito extenso optamos por fazer alguns pequenos recortes tais como: (Gênesis 49:14) "Issacar é jumento de fortes ossos, deitado entre dois fardos" (Gênesis 49:22), "José é um ramo frutífero, ramo frutífero junto à fonte; seus ramos correm sobre o muro" (Gênesis 49:27), "Benjamim é lobo que despedaça; pela manhã comerá a presa, e à tarde repartirá o despojo".

caso é Jesus e seu rebanho a igreja. Assim, a metáfora é uma condição do pensamento e também de criação, produzindo sentido que vai muito além da consciência de listar um objeto de dizer que isto é aquilo ou uma descrição apenas, possuindo intrinsecamente uma experiência.

Sendo assim, as metáforas Bíblicas se tornam uma fonte inesgotável⁵ por oferecerem esta dupla condição, como uma interpretação de sentidos (seja histórico, por exemplo) bem como compreensão que aproxima quem lê desta experiência de imagens e poética. Por isso, é importante nos dedicarmos a observar, interpretar e compreendê-las. Charteris-Black⁶ (2004, p. 7 *apud* ALMEIDA, 2017, p. 222 - tradução nossa), defende que:

[...] a metáfora é muito adequada para o texto religioso 'Porque é um meio primário pelo qual o desconhecido pode ser conceituado em termos do que já é conhecido'⁷. Entende-se, portanto que metáfora é o meio principal para fornecer explicações espirituais, uma vez que só pode ser expressa, referindo-se ao que é experimentado no mundo físico.

Ou seja, se a Bíblia não tivesse essa analogia de fácil entendimento para quem a lê, a Bíblia seria um texto complexo, e por ser um texto complexo muitas pessoas não conseguiriam distinguir ou decifrar o que Jesus tenta explicar de forma mais simples. Por conta dessas analogias citadas no decorrer das passagens Bíblicas as metáforas têm esse jogo de pensamento e criação, fazendo com que o leitor possa juntar as peças e ver que comparando o reino espiritual e o físico há essa possibilidade de conexão.

Seguindo com o entendimento sobre a metáfora religiosa Paul Tillich (1886-1965) aborda um assunto importante de que “Deus, portanto, só pode ser um símbolo do qual o ser humano pode falar, mas não pode compreender totalmente devido a densidade do mistério de Deus” (SOUZA, 2014, p. 121), ou seja, “falar de Deus é, essencialmente, falar da vida em formas simbólicas” (SOUZA, 2014, p. 120), Deus para Tillich seria uma manifestação simbólica de elementos ontológicos, ou seja, parte primeiramente de Deus os fundamentos reais para as simbolizações. Pensamos em Deus como o princípio de tudo que existe.

⁵ Inesgotável no sentido de se renovar nesse convite a experiência religiosa.

⁶ linguista que propõe a abordagem teórico metodológica no livro *Critical Metaphor Analysis*

⁷ “because it is a primary means by which the unknown can be conceptualised in terms of what is already know” file:///C:/Users/User/Downloads/3582-Texto%20do%20artigo-23189-1-10-20180224.pdf

Deus está no desenvolvimento da criação, Deus se realiza continuamente na realidade. Sem Deus, ou seja, sem o Deus vivo (que é o que Tillich denomina por “Deus enquanto o vivente”), não haveria o fundamento criativo que há no ser humano, que é o movimento de transcendência. Assim, compreender o símbolo de Deus em Tillich é compreender a vida enquanto atualização da polaridade da ontologia. (SOUZA, 2014, p. 119).

Lendo Ricoeur e Tillich, Souza diz que para Ricoeur não há um nome próprio pra Deus, pois em (“Isaias” capítulo 9, versículo 6) diz que Deus é “[...] Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”, e também é “Deus dos exércitos” (“Oséias” capítulo 12, versículo 5). Isso quer dizer que se para Tillich Deus sendo a primeira existência e de que tudo que existe partiram primeiro dEle e Ele sendo uma própria metáfora, para Ricoeur o pensamento de Tillich não está desconectado com o pensamento dele, porém como já mencionado Ricoeur só está defendendo seu pensamento de que Deus não tem um nome próprio mais sim reticencias, na qual é conhecido por vários nomes. Portanto, a partir de Souza para Tillich e Ricoeur “o símbolo é a profundidade da razão, enquanto para Ricoeur o símbolo dá o que pensar.” (SOUZA, 2014, p.124). Desta forma, compreendemos então a metáfora da Bíblia como pensamento de criação também. A metáfora no nome divino seria um símbolo que abraça um indivíduo e uma comunidade em geral de quem a vivência.

São também referências para este trabalho alguns artistas que trouxeram uma nova perspectiva para a arte através das metáforas, capaz de gerar ao público apreciador de arte a ter um olhar reflexivo para as obras, sendo precursores para a contemporaneidade, como Marcel Duchamp com suas apropriações e ressignificações, e Hieronymus Bosch que tem uma formação profundamente religiosa, com suas figuras humanas nuas e animais fantásticos.

3 ARTE, ARTISTAS E UMA APROXIMAÇÃO COM AS METÁFORAS

Vimos que na Bíblia grande parte dela é usada as metáforas, que não podem ser compreendidas subjetivamente por ter um viés religioso. Mas podemos pensar as metáforas da Bíblia como um convite a ter uma nova experiência a pensar elas como um elemento criativo. Através disso procuro trazer artistas que também dialogam com metáforas, tanto com objetos, quanto com outras produções próprias, instigando o público a ter uma nova experiência e nos fazer refletir sobre esse sentido dúbio. Sendo assim me aproximo do artista Marcel Duchamp como precursor da arte contemporânea e Hieronymus Bosch artista que traz questões religiosas.

Imagem 1 - Marcel Duchamp



Fonte: Disponível em: <https://veja.abril.com.br/galeria-fotos/marcel-duchamp-1887-1968/>.

Marcel Duchamp (1887-1918) artista francês, precursor das tendências minimalistas e conceitualistas da segunda metade do século XX, sendo considerado um dos nomes de maior impacto da história da arte moderna e também precursor da arte contemporânea como podemos ver na citação de Diogo de França Gurgel que é doutor em Filosofia da (Universidade Federal do Rio de Janeiro) 2012, tendo trabalhos com ênfase em linguagem e teoria do conhecimento, pesquisando atualmente as teorias contemporâneas da metáfora:

Marcel Duchamp e seus ready-made. Duchamp se apresentava como um dos precursores desse modo de pensar a arte, forçando os limites entre os objetos utilitários e os objetos artísticos. Justamente o gatilho disparador para

a exploração da cultura pop por aquela geração posterior que viu arte na reprodução transfiguradora dos objetos do dia a dia. (GURGEL, 2012, p. 98).

Sendo um artista que se apropriava de objetos do cotidiano tirando de seu espaço habitual e convertendo em arte trazendo um novo sentido. É que Duchamp se apresenta aqui ao encontro de nossa pesquisa, pois ele ao ironizar o sistema da arte provoca um deslocamento de uma “visão” linear para uma metáfora, uma releitura com outras palavras, com outros objetos, com outros significados. pode-se dizer que ele não chegou a “produzir” uma obra, e sim comprou um objeto (urinol, por exemplo) pronto em uma loja de construção tirando de seu ambiente natural e colocando em um espaço não formal ressignificando o objeto, trazendo esse ar de analogia e interpretação.

Imagem 2 - A Fonte



Fonte: Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/fonte-marcel-duchamp/>.

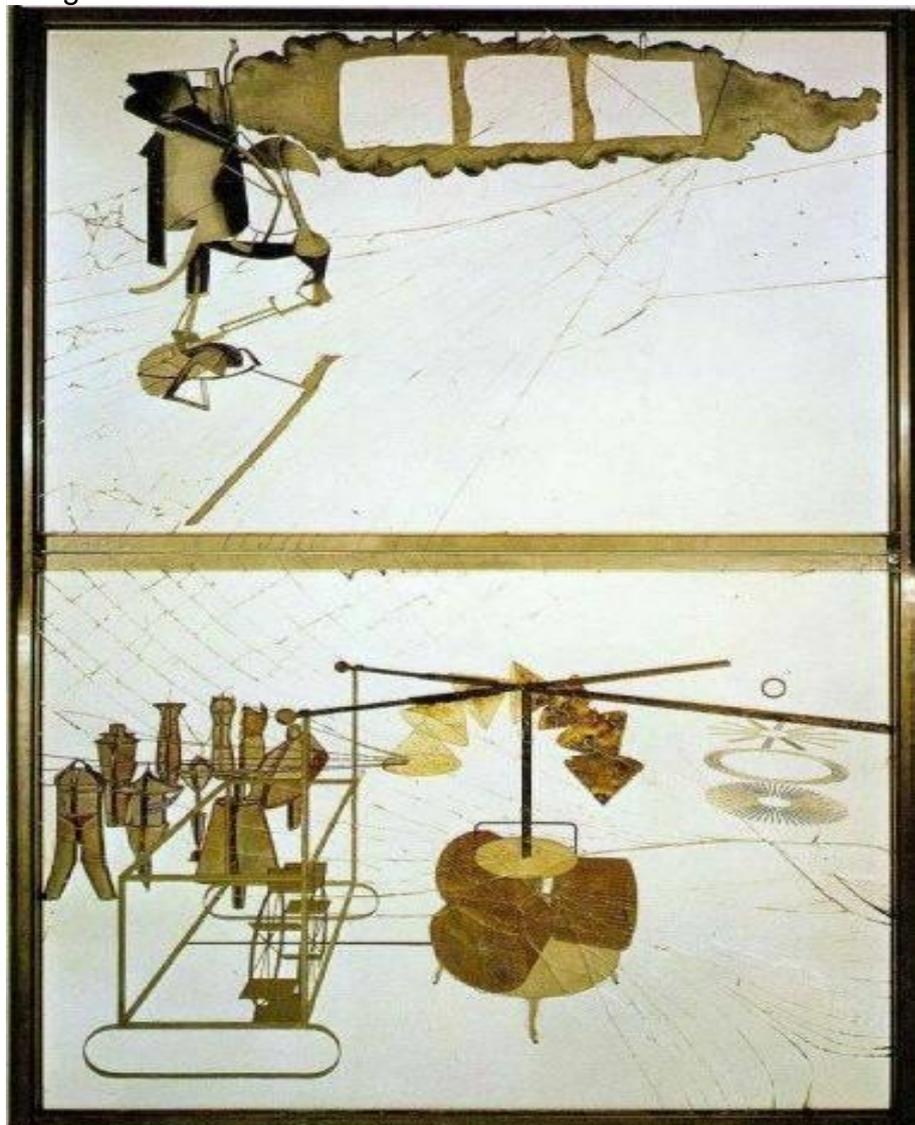
Dando um novo sentido ao mictório ou urinol, ele acabou chamando a obra de “A Fonte”, e sendo irônico assinou como R. Mutt nome de uma firma que produzia artigos sanitários.

Para La Fontaine⁸, alguém poderia propor a leitura de que o mictório invertido acabava adquirindo a aparência de um torso feminino com um útero aberto para o exterior. Assumir o mictório invertido como uma metáfora visual do nu feminino é buscar significados numa tentativa de saltar para fora da perplexidade que o objeto instaura; mas sempre um outro espectador poderia contrapor a opinião de que o objeto é meramente um mictório invertido que fora transferido para o museu, e nada mais. (BARROS, 2008, p. 82).

⁸ Disponível em: https://www.ebiografia.com/jean_de_la_fontaine/.

Em outra obra de Duchamp que causou e ainda causam grandes discussões também é sua obra *O Grande Vidro* (1915-1923) denominado por Duchamp de “A Noiva e seus celibatários”, “a ideia matriz desta obra é um sistema imaginário de engrenagens que simboliza uma relação erótica entre uma noiva e um grupo de celibatários.” (BARROS, 2008, p. 77). Paz (1997, p. 79 *apud* BARROS, 2008, p. 77), que a analisou com grande argúcia, destaca que esta obra “é um enigma e, como todos os enigmas, não é algo que se contempla, mas sim que se decifra.”

Imagem 3 - O Grande Vidro



Fonte: Disponível em: <https://toutelamemoiredumonde.wordpress.com/2014/04/20/a-noiva-despida-por-seus-celibatarios-mesmo/>.

Ao usar *O Grande Vidro* como metáfora, Certeau salienta que o significado é fruto do uso e não apenas da produção. Os usos “táticos”, tão caros a sua teoria, movem-se não apenas por uma produção centrada, mas, sobretudo,

pela leitura, que, confrontada, utiliza uma dada linguagem enquanto a transforma. (OLIVEIRA, 2008, p. 145).

Vemos então que a produção de Duchamp é caracterizada por metáforas, sendo que ele utiliza de objetos trazendo consigo analogias, como por exemplo “um triturador de Café e um Moinho cuja função é “moer desejos”.” (BARROS, 2008, p. 78). Assim, “a Máquina de Moer Café é representada moendo o desejo dos Celibatários, de modo que destes se projetam espumas de prazer em direção ao território onde habita a noiva que está nua (a parte de cima do Vidro).” (BARROS, 2008, p. 78). Vendo que obras assim fazem com que o público apreciador de arte caia nessa armadilha de tentar decifrá-la, sendo um dos objetivos de muitos outros artistas também.

Gurgel (2012) em seu estudo sobre “A Metáfora na obra de arte” cita Danto (2012, p. 100 *apud* GURGEL, 2012, p.100). que escreveu sua tese “A transfiguração do lugar comum” nos faz aproximar das obras de Duchamp e conseqüentemente a teoria de Rancière e dar um novo significado a um objeto que por sua vez se transfigura em obra de arte tirando se seu atual pertencimento:

O filósofo aproxima dois campos, o da arte e o da retórica (linguagem) para sugerir, em seguida, que, em ambos os campos, ocorrem certas estratégias de interpretação que poderíamos denominar “metáforas”. Ele nos faz recordar que a metáfora – tropo que tradicionalmente se toma como recurso linguístico – é também tradicionalmente uma ferramenta eminente nos estudos de retórica. Muitos são os teóricos que assumem que, de algum modo, as metáforas, usadas com fins retóricos, são capazes de “ao mesmo tempo arrebatam uma plateia e definir fatos e suas inter-relações” [...] “de modo deliberado e tendencioso”, que algo bem próximo disso ocorreria no campo das artes plásticas, na forma de metáforas visuais.

Quando analisamos este movimento de criação metafórica feito por Duchamp, indo ao encontro de uma outra linguagem pela imagem, também vemos que pelas metáforas Bíblicas há uma possibilidade de produção de imagens concretas, o que se apresenta como uma metáfora da imagem, ou seja convida ao espectador o mesmo movimento que há pela linguagem escrita, convida a dar sentido novo, de fundar um pensamento criativo, um pensamento de quebra de barreiras do conhecido e invade o que é desconhecido e não menos importante.

Da mesma forma as metáforas da Bíblia que pode causar esse constrangimento, mais que traz um duplo sentido para tal objeto. Por conta disso posso observar através dos escritos de Rancière também que Duchamp quebra essa

barreira de que tal objeto não pode se converter a uma obra de arte, ou seja, por exemplo, o que Rancière vem a dizer é que se nós pegarmos um objeto de utilidade lógica e tirando ela do seu lugar de pertencimento e colocando em outro espaço e tempo como num museu, ela virá a ter um novo significado.

Desta relação compreendemos que as metáforas Bíblicas se revertem em imagens, conseqüentemente como uma estética, e ao tirar do seu *“habitat natural”* que é a Bíblia e trazê-las para esse espaço e tempo da obra de arte libertamos a um novo sentido, expandindo assim o olhar criativo bem como a criação de um tempo de experiência.

Seguindo essa linha de raciocínio e indo mais a fundo nas questões da arte, filosofia e da religiosidade de tentar entender o que há por detrás de uma palavra ou produção artística, podemos pensar em um artista que provoca o público com suas obras relacionando ao paraíso e ao inferno, ou seja, um artista que fez uso das metáforas Bíblicas: Hieronymus Anthonissoen Van Aken, conhecido como Hieronymus Bosch (1450-1516).

Imagem 4 - Hieronymus Bosch



Fonte: Disponível em: <https://www.ebiografia.com/hieronymus/>.

Hieronymus Bosch foi um pintor holandês que fazia parte de uma sociedade teocêntrica, era um cristão que trazia em suas pinturas textos literários e eclesiásticos, visando que como ele era da idade média as pinturas de textos religiosos eram bem valorizadas pelo fato de que a maioria das pessoas daquela época eram analfabetas, trazendo consigo pinturas que eram feitas para retratar o divino e o sobrenatural ilustrado dos textos religiosos.

Imagem 5 - O Jardim das Delícias



Fonte: Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/o-jardim-das-delicias-hieronymus-bosch/>.

Em algumas das artes que Bosch produzia eram retratadas muitas analogias, uma das obras principais dele que explicita muitas metáforas é a obra “O Jardim das Delícias” segundo Ströher e Kremer (2011, p. 63) sendo um “quadro constituído por um retângulo de madeira de 195 cm de altura por 202 cm de largura, com duas folhas laterais, em cujo verso, visível ao se fechar o painel, está representada a criação do Universo”, ou seja, um tríptico. Na parte interna do lado esquerdo mostrava Adão e Eva no jardim do Éden, no centro é destacado o erotismo e pecados que para Walter Bosing⁹, “além dessas alusões claras ao prazer carnal, encontram-se outras, metafóricas ou simbólicas, como os morangos. (STRÖHER; KREMER, 2011, p. 65). Bosing (1991, s/p *apud* STRÖHER; KREMER, 2011, p. 65), também diz que “os morangos, que em toda essa paisagem são de tal modo

⁹ BOSING, Walter. **Hieronymus Bosch**: cerca de 1450 a 1516: entre o céu e o inferno. Köln: Taschen, 1991.

evidenciados que os espanhóis lhe chamavam o Jardim dos Morangos, simbolizando este, provavelmente, a transitoriedade do prazer carnal.” Sendo que os frutos mordidos pelos amantes do jardim são metáforas dos órgãos sexuais. E no lado direito a realidade do pesadelo, o inferno, cenas de tortura.

Peter Burke¹⁰ diz que:

[...] nos dias de hoje, as paisagens do inferno de Hieronymus Bosch talvez sejam mais estranhas para nós do que imagens da Lua ou mesmo de Marte. É necessário um certo esforço para perceber que as pessoas da época acreditavam que poderiam um dia ver lugares do tipo representado por Bosch e que o artista não se baseou apenas na sua imaginação, mas também na literatura popular visual. (STRÖHER; KREMER, 2011, p. 68).

Segundo as palavras de Burke, Bosch (2004), imaginou esses acontecimentos de sua arte através de histórias lidas de algum lugar, com isso podemos observar que as metáforas da Bíblia podem também ter a mesma representação de encontrar através da literatura religiosa indícios de construir arte. Bosch tinha essa ideia de representação e imaginação com as coisas terrenas e sobrenatural instigando medo nas pessoas.

O terreno que mais podemos perceber este movimento de metáfora como imagens é no cenário da arte contemporânea, pois é nela que encontraremos o estranhamento, experimentá-la em sua estranheza como objeto que não se deixa definir, e também libertar-se do pensamento pronto a ousar pensar, e fazê-lo de um jeito diferente, estando disposto a ter novas experiências.

3.1 NOSSO SEGUNDO RECORTE: ARTE CONTEMPORÂNEA

Mas o que é arte contemporânea? A arte contemporânea é uma tendência surgida durante a metade do século XX, rompendo com a arte moderna. A arte contemporânea veio para trazer um novo intelecto a sociedade mais especificadamente aos apreciadores de arte, surgindo para uma quebra de paradigma, reconstruindo um novo sentido e deixando seu público em total apreensão pela obra.

Com ela podemos ver que mesmo antes de ser uma nova tendência para o dia de hoje, artistas como Marcel Duchamp e Andy Warhol (1928-1987) já iniciaram

¹⁰ BURKE, Peter. Testemunha ocular. **História e imagem**. Bauru/SP: EDUSC, 2004, p. 66-7.

esse olhar para o futuro com suas produções como, por exemplo, as *ready-mades* de Duchamp e as *caixas de sabão em pó Brillo* de Warhol, objetos esses que trouxeram depreciação do público daquela época mais que trazem admiração e que são valorizadas ao público de hoje. Sobre a obra de Duchamp percebemos essa quebra de paradigma da arte em seu tempo tornando ela em arte contemporânea, contemporânea não pelo período da história da arte, mas pela parte estética em si, como por exemplo, a obra *A Fonte* que em sua época causou estranheza, mas que hoje em dia é sem dúvidas uma ótima referência a se propor. Nisso vemos que a arte contemporânea traz esse novo olhar diferente da história para um novo olhar nos tempos de hoje.

A arte na contemporaneidade mostra ao observador e apreciador de arte entender que a obra é contemporânea sem que o artista precise dizer. A obra de arte hoje não é somente um quadro fixado na parede bidimensional usado sobre a tela como tinta a óleo por exemplo, mais variados outros tipos de materiais e dimensões, a arte de hoje se resume basicamente em hibridismo, por conter inúmeros materiais, principalmente quando o artista se apropria de diversos materiais em uma única obra ou como Duchamp de usar apenas um objeto do cotidiano ressignificando e utilizando em espaço não formal. O artista contemporâneo tem total liberdade de expressar o que quer, de trazer do seu interior o que sente como diz Heinich (2014, p. 376):

A arte contemporânea exige que o artista ultrapasse os limites do senso comum, não da figuração clássica, como no caso da arte moderna, mas da própria noção de arte, inclusive a exigência moderna de um vínculo entre a obra e a interioridade do artista.

É através do artista que compreendemos seu modo de agir de se colocar diante da sociedade muitas vezes, é essa empatia que o artista tem com sua obra e da obra com seu público.

A arte contemporânea se desdobra não apenas em obra artística (objeto) mas que por detrás dela encontrasse registros de seus artistas, ou seja, há um texto que o defina, de que uma obra de arte não chega a se transformar do nada sem um estudo, entendemos que por detrás da obra há registros, rabiscos, palavras que as fazem atingir seu objetivo, mesmo que a arte contemporânea seja uma tendência livre de expressão, mas que para isso fazer um real sentido o artista estuda, escreve, apaga, reescreve até atingir seu propósito, propósito esse que tenha um sentido ideal.

Na arte contemporânea, a transgressão mais importante dos critérios comuns usados para definir a arte é que a obra de arte já não consiste exclusivamente no objeto proposto pelo artista, mas em todo o conjunto de operações, ações, interpretações etc. provocadas por sua proposição. (HEINICH, 2014, p. 377).

O artista contemporâneo produz sua obra com os problemas da atualidade fazendo assim com que todos compreendam seu ponto de vista. O artista quando produz ele interage com o mundo em que vive e consigo mesmo, nisso a arte sendo um modo de expressão do artista ela não só o comove mais também atinge o próximo.

Artistas contemporâneos trabalham conforme sua vontade e necessidade, pois nos dias atuais tudo pode ser considerado arte, portanto o que está em jogo é a criatividade de cada um, pois o que temos é um leque de formas e materiais para se trabalhar, basta vermos com um olhar artístico e com um imenso desejo de criar e inovar. O que temos que ter em mente é o objetivo que queremos atingir, pois o que mais temos são caminhos a percorrer, e isso varia de acordo com cada artista; e o que vale é o pensamento e não a técnica. (SEIDEL, 2016, p. 54).

Uma das expressões da arte contemporânea é as intervenções urbana que através dos artistas elas criticam, protestam, interagem com o público em geral colocando a frente inúmeras questões que os incomodam. Há também as instalações que trazem várias obras remetendo um sentido próprio mais que aguça o pensamento do público fazendo que eles questionem e interpretem de variadas formas, e é nesse momento que o artista se satisfaz vendo que independente do momento ou situação a ideia é trazer questões. A ideia é tentar decifrar, mais que a todo momento o que importa é essa relação que fazem com a obra, é essa transformação do olhar crítico de cada indivíduo.

A arte contemporânea tem esse objetivo de se envolver com a sociedade, de interagir com acontecimentos do cotidiano de expressar o que pensa a respeito do que os atinge.

A arte contemporânea dialoga com o mundo, de uma maneira de igual para igual, porém com objetivos diferentes. Vivemos em uma sociedade de consumo, onde o ter prevalece sobre o ser, onde tudo pode e nada pode ao mesmo tempo, um lugar onde as pessoas simplesmente sobrevivem, indo em busca de bens de consumo, vivendo para o trabalho e não simplesmente para ser feliz e fazer os outros felizes. (SEIDEL, 2016, p. 58).

A arte contemporânea quebra essa barreira da estética de que tudo é belo, perfeito e torna-se simplesmente um modo de apenas produzir trazendo consigo questões que expressam o desejo e as emoções do artista. É interessante pensarmos

e recapitularmos a vivência ou existência dos artistas e sociedade em geral de antigamente, mais precisamente do tempo medieval em que os artistas eram pagos para pintar o que era mandado, não sei se podemos dizer que eles viviam da arte em si ou sobreviviam pois eles não tinham essa liberdade de expressão, pois eram obrigados a fazer o que era ordenado. Por conta disso podemos dizer que o ser humano artista tem essa maior liberdade de se expressar conforme sua vontade, não tendo que produzir com uma estética favorável, mas produzir por gosto, por motivação e pela liberdade.

4 METÁFORAS COMO ESPAÇO DE CRIAÇÃO

Desta via assumida até aqui cabe apresentar as metáforas como espaço de experiência que eu pude desenvolver como arte a partir do meu envolvimento com elas.

Se, as metáforas como já mencionado ela está presente no nosso cotidiano, sua criação e uso são muito importantes, não como algo espontâneo, mas como uma produção, compreendo as metáforas também como imagens, especialmente quando me proporcionam um pensamento que se abstrai do pertencimento real e se transfiguram em algo concreto. As metáforas pra mim tem essa atribuição, de dar um outro sentido as coisas, com ênfase em ter elas como experiência que me conduz a um universo de outras explicações, que pela sua representação se transfiguram pelo concreto e podem ser acessadas por todos. Desta forma e como artista, desenvolvo essas palavras, essas metáforas, em obra de arte, usando diversas linguagens, como também pela escultura. Acompanhando o pensamento de Ricoeur de que a metáfora não é descartada a imagem da linguagem poética, entendo que as palavras metafóricas da Bíblia sendo elas poéticas, transfiguro do real pertencimento da escrita para a imagem visual.

Penso as metáforas Bíblicas com um novo sentido, penso as metáforas como um convite a ter liberdade de expressão, de imaginar, ressignificar, de ter essa experiência, de tirar do real pertencimento e dar um novo olhar a ela. Penso na forma poética em que a Bíblia especificamente me propõe, fico viajando nesses poemas metafóricos, saio do meu habitat natural me desligando do meu eu e indo as longas distâncias, percorrendo a diversos lugares até começar a fazer um sentido. Logo penso em conectar o mundo imaginário com o mundo real. Leio as passagens da Bíblia não vendo o sentido literal mais o sentido figurativo de cada palavra.

Tenho por objetivo alcançar um sentido através da minha produção como artista em deixar esse ar de mistério para quem apreciar, tenho como objetivo tocar não só o sentido de alguém mais poder fazer com que minha obra de arte toque a alma de trazer questões ao público do porquê isso, objetivo esses filosóficos. Minha ideia não se contradiz dos filósofos, críticos, literários citados nos capítulos anteriores, muito pelo contrário, pois entendo e respeito o ponto de vista de cada um, sendo que cada comentário, cada argumento tem seu objetivo também. Mas interligando o

comentário deles com o meu trazendo em conta de que as metáforas tem seu viés ao ato criativo.

Quis trazer em minha produção alguma coisa focada na Bíblia em si por eu sempre produzir tudo com esse sentido, não conseguia imaginar outra coisa que não fosse do mundo Bíblico, porém não poderia obrigar alguém a acreditar no que acredito ou forçar alguém a acreditar. Então pensei em uma produção que traz a relação da Bíblia mas também traz relação a sociedade, como forma crítica de pensar, pois com a produção eu atingiria meu desejo e também poderia atingir desejos de outras pessoas, nunca deixando de lado o fato de que a obra de arte contemporânea mesmo tendo esse instinto de estranheza tem como objetivo decifrar o que o artista pensou, ou seja, o que ele sentiu ao produzi-la.

Então a princípio me surgiu a ideia de retratar as passagens da Bíblia que na maioria das vezes falam de formas metafóricas trazendo em forma de desenhos, mas com esses momentos de escrita pude perceber que eu não precisaria necessariamente fazer o que a escrita própria já diz, ou seja, o que eu queria mostrar concretamente já estaria escrito em palavras. Pensei que desenho não iria trazer essa satisfação que eu almejo, eu procurava algo mais tridimensional, algo que eu conseguiria ver com que todos que estivessem apreciando pudesse contornar a obra olhando de vários ângulos e não apenas paradas estaticamente, mais movido ao método peripatético de Aristóteles. Pensando assim me surgiu a ideia de trazer meus conhecimentos da Bíblia e do ateliê dialogando entre eles. Com isso pude usar o ateliê de escultura pois lá eu tinha acesso a um material que sentia vontade de usar que é a argila ou ligando a Bíblia o 'barro', e trazer isso para as escrituras sagradas onde Deus esculpiu o homem do barro, fazendo então essa ligação a princípio. No segundo momento eu queria trazer essa relação da sociedade com as passagens da Bíblia. Como eu não queria trazer o que já havia escrito, eu pensei em fazer algo simples mais com um significado forte, significado esse que faz relação com essa figura de linguagem que é a metáfora. Mas como ao ato criativo e disposição a experiências, pensei em trazer também em minha produção artística outro material para fazer essa relação a ampla oportunidade de experimentar. Usando então o gesso.

Com tudo isso me surgiu a ideia de produzir as mãos, mas porque as mãos? A mão tem muito sentido na Bíblia, em vários momentos a mão é bem representada, como por exemplo, as mãos de Jesus pregada na cruz, mais também as mãos dele que curavam e curam, a destra de Deus, a mão de Deus que criou o

mundo, a mão de Deus que criou o homem entre outras coisas. Trago junto com as mãos os dedos, dedos porque como a mão ele também faz parte do contexto, os dedos mencionados na Bíblia como, a passagem de Tomé que teve que tocar na ferida de Jesus para acreditar, escrito em João 20: 24-29, os dedos de Deus que escreve nossa história todos os dias e entre outros. E pra arte não é diferente, pois usamos as mãos para criar. Tudo que é tocado por um artista vira arte. A mão sendo um membro importante no corpo humano é o mais solidário, a mão faz sem esperar algo em troca independente se na mão faltar um ou mais dedos, se ela é deficiente ou não, não importa o que importa é o quão importante ela é. Mas o que a mão tem a ver com metáfora? Pois bem a mão te dá um tapinha nas costas, mais também te dá um soco na cara, a mão cumprimenta o próximo com delicadeza e gentileza, mais também fere, a mão erguida da glória a Deus, mais também aponta defeitos, a mão faz símbolo de amor com o próximo, mais também se transforma numa arma contra o próximo, a mão te sustenta numa queda ferindo-a mais te ajudando, a mão erra muitas vezes uma escrita, mais ela também é quem apaga e reescreve certo, a imposição de mãos tem vários sentidos, principalmente para a religião. Enfim a metáfora da mão. Sendo assim, com os diversos materiais que moldei as mãos, eu usei a mão do meu sobrinho Matheus por ter mãos deficientes e usei as mãos das minhas colegas Bárbara e Paola pra trazer essa relação das mãos femininas.

E foi Através das mãos que pude encontrar tudo que me motiva, conseguindo fazer relação com a Bíblia, fazendo relação com a sociedade, fazendo relação com a metáfora e com Deus, me encontrando através disso tudo apenas em um membro do corpo humano.

Essa ideia das mãos não surgiu simplesmente agora, pois ao longo da graduação eu já vinha produzindo-as. Teve uma produção que fiz na aula de ateliê de serigrafia onde estampeei três camisetas utilizando as mãos como tronco de uma árvore, simbolizando a queima das florestas. Cada tronco representado pelas mãos era explicado o tipo de folhagem que havia, ou seja, na primeira camiseta o tronco em formato das mãos tem uma Bíblia, a segunda camiseta é um tronco de mãos com chamas de fogo e a terceira camiseta é um tronco de mãos com um cérebro. Foram trabalhos que me fez apreciar mais as mãos e os seus sentidos.

Imagem 6 - Sem Título, Edivan Waterkemper Silveira (2019)



Fonte: Acervo do artista (2019).

Imagem 7 - Sem Título, Edivan Waterkemper Silveira (2019)



Fonte: Acervo do artista (2019).

Imagem 8 - Sem Título, Edivan Waterkemper Silveira (2019)



Fonte: Acervo do artista (2019).

Com isso pude também trazer minha arte das mãos em um outro trabalho, trabalho esse onde tive a oportunidade de criar uma logo para ser estampado nas camisetas do grupo de mulheres da igreja em que frequento, podendo prosseguir com essa ideia do sentido em que a mão me remete. Comecei projetando ideias para que assim saísse do gosto do cliente.

Imagem 9 - Sem Título, Edivan Waterkemper Silveira - projeto (2019)



Fonte: Acervo do artista (2019).

Imagem 10 - Sem Título, Edivan Waterkemper Silveira - Projeto final (2019)



Fonte: Acervo do artista (2019).

Imagem 11 - Sem Título, Edivan Waterkemper Silveira - arte final (2019)



Fonte: Acervo do artista (2019).

Sendo assim, a produção que pensei em produzir não poderia ser diferente, trazendo como representação as mãos que caminharam esse longo percurso comigo até aqui e que ainda caminhará. Minha pretensão será expor uma instalação remetendo a arte contemporânea aguçando o olhar do público, trazendo significações e expressões com as mãos deixando a própria representação da mão falar por si, produções que não queira representar apenas mãos perfeitas, mais que não deixam de fazer parte das mãos.

Imagem 12 - Mãos e Fragmentos (2019)



Fonte: Acervo do artista (2019).

Imagem 13 - Mãos e Fragmentos (2020)



Fonte: Acervo do artista (2020).

Imagem 14 - Mãos e Fragmentos (2020)



Fonte: Acervo do artista (2020).

Imagem 15 - Mãos e Fragmentos (2020)



Fonte: Acervo do artista (2020).

Logo abaixo consta algumas imagens do processo de criação

Imagem 16 - Processo 1



Fonte: Acervo do artista (2019).

Imagem 17 - Processo 2



Fonte: Acervo do artista (2019).

Imagem 18 - Processo 3



Fonte: Acervo do artista (2019).

Imagem 19 - Mãos e fragmentos (2020)



Fonte: Acervo do artista (2020).

Imagem 20 - Mãos e fragmentos (2020)



Fonte: Acervo do artista (2020).

Imagem 21 - Mãos e fragmentos (2020)



Fonte: Acervo do artista (2020).

5 À GUIA DE CONCLUSÃO

A partir de tudo isso que foi visto, a nossa via se deu que as metáforas nos permitem uma ampla visão do mundo, sendo que através dos filósofos citados, cada um com sua maneira objetificadora de interpretar, sendo que uns dizem que a metáfora é usada na vida cotidiana, outros dizem que a metáfora nos dá um duplo sentido com tensão ao literal e ao figurado e que independente do pensamento de cada autor citado, percebemos que é possível ressignificar, dar uma nova perspectiva as metáforas, pois como Aristóteles não conseguiu definir a metáfora além das palavras, foi possível perceber que outros filósofos conseguiram transformar e dar um novo sentido como ao ato de criação, penso que tanto as metáforas do dia a dia quanto as da Bíblia e prosseguindo com essas teorias de alguns autores eu consigo criar experimentando e interpretando.

A partir disso eu fui levado a dialogar com a arte contemporânea de pensar e criar através dela, já que entendemos que ela nos proporciona a usufruir de diversos materiais e técnicas, podendo trazer ao expectador apreciação pela estética mais também causando repulsa por não conseguir compreender, mantendo um fio condutor com artistas precursores dessa arte que traz estranheza como Marcel Duchamp e também podendo dialogar com o sagrado visto nas obras de Hieronymus Bosch em que cada um vem trazendo em suas produções um olhar além do que demonstra, usando objetos, pinturas, e diversos outros materiais e que por detrás dessas diversas técnicas e materiais eles trazem as metáforas camufladas chegando à conclusão que gera a minha ideia de criação a partir das metáforas, usando as mãos como um significado forte permeando entre o sagrado e o profano, deixando ao público interpretar a partir da sua perspectiva.

Sendo assim, esse trabalho chegou a ser pertinente podendo seguir e prosseguir pesquisando.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1026 p. Disponível em: https://ead2.iff.edu.br/pluginfile.php/160169/mod_resource/content/1/Dicion%C3%A1rio%20de%20Filosofia%20-%20Nicola%20Abbagnano.pdf. Acesso em: 25 ago. 2020.
- AGUIAR, Marcos Sávio Santos. Derrida: a libertação da metáfora dos domínios da metafísica. Universidade Federal de Sergipe (UFS). **Prometeus**, ano 10, n. 24. Set./dez., 2017. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/7187>. Acesso em: 25 ago.
- ALMEIDA, Monika Nascimento. O Papel da Metáfora “A Vida É Uma Viagem” em Textos Literários. **Revista Porto das Letras**. Minas Gerais, v. 3, n. 2, 23 set. 2017. p. 218-236. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/3582-Texto%20do%20artigo-23189-1-10-20180224.pdf>. Acesso em: 2 out. 2020.
- BARROS, José D’Assunção. Arte e conceito em Marcel Duchamp: uma redefinição do espaço, do objeto e do sujeito artísticos. **Domínios da Imagem**. Londrina, v. 2, n. 2, maio 2008. p. 73-88. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/ArteeConceitoemMarcelDuchamp.Domniosdalimage mUEL2008.pdf>. Acesso em: 7 out. 2020.
- BOSING, Walter. **Hieronymus Bosch**: cerca de 1450 a 1516: entre o céu e o inferno. Köln: Taschen, 1991.
- BURKE, Peter. Testemunha ocular. **História e imagem**. Bauru/SP: EDUSC, 2004. p. 66-7.
- CARDOSO, Marco Antônio. **O papel da metáfora no discurso filosófico**. 2016. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação. Departamento de Filosofia, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/Dissert%20metaforas%20e%20filosofia.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020.
- FRYE, Northrop. **O Código dos códigos**: a Bíblia e a literatura. São Paulo: Boitempo, 2004. 293 p. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1N5uX6MmJjB37JuXa8dz6sLfof82SgzWe/view?fbclid=IwAR1EtbcRXLa5NzQPWQQ3nE_alRaL8I7t56u9B66uyzmMFoAcX2Flv4Kq5xk. Acesso em: 2 out. 2020.
- GURGEL, Diogo. A metáfora na obra de arte: estudo 1. **Viso**: Cadernos de estética aplicada. Rio de Janeiro, v. 4, n. 12, jul. 2012. p. 94 - 115. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/Viso_Cadernos_de_estetica_aplicada_A_met.pdf. Acesso em: 8 out. 2020.
- HEINICH, Nathalie. Práticas da Arte Contemporânea: uma abordagem pragmática a um novo paradigma artístico. **Sociologia & antropologia**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 2,

out. 2014. p. 373-390. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sant/v4n2/2238-3875-sant-04-02-0373.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2020.

KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas**: uma análise do ensino de Jesus através de suas ações. 2006. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestre em Teologia. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2006. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp001028.pdf>. Acesso em: 6 out. 2020.

MONTEIRO, Átila Brandão. A Verdade como Dissimulação em Nietzsche: elementos para uma crítica da concepção essencialista de linguagem. *Existência e Arte. Revista Eletrônica do Grupo PET*. São João Del-Rei, v. 7, n. 8, nov. 2012. p. 36-45. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/A_Verdade_como_Dissimulacao_em_Nietzsche.pdf. Acesso em: 10 nov. 2020.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Sobre verdades e mentiras no sentido extra-moral** (Obras incompletas). Tradução de Rubens Rodrigues Torres filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

OLIVEIRA, Emerson Dionísio G. de. A máquina escriturística: de Duchamp a Certeau. *Poiesis*. [S.L.], v. 12, n. 12, nov. 2008. p. 139-150. Disponível em: http://www.poiesis.uff.br/PDF/poiesis12/Poiesis_12_maquina.pdf. Acesso em: 7 out. 2020.

OLIVEIRA, R. Hermenêutica e Literatura: a metáfora em Paul Ricoeur como princípio de interpretação da poética em O Guesa, de Sousândrade. *Revista Desenredo*, v. 14, n. 1, 30 mai. 2018. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/6815/4842>. Acesso em: 26 ago. 2020.

OLIVEIRA, Rita de Cássia. Metáfora e discurso filosófico. Ekstasis. *Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*. [S.L.], v. 7, n. 2, 14 jun. 2019. p. 143-154. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/38207-147456-1-PB.pdf>. Acesso em: 19 set. 2020. Doi: <http://dx.doi.org/10.12957/ek.2018.38207>.

PINTO, Aline Magalhães. As Sagradas Escrituras: imaginação e acontecimento - um comentário sobre a hermenêutica bíblica de Paul Ricoeur. *Mneme. Revista de Humanidades*. Campos do Caicó, v. 12, n. 29, 29 nov. 2011. p. 208-219. Semestral. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/Hermeneutica%20e%20interpreta%C3%A7%C3%A3o%20biblica%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/Hermeneutica%20e%20interpreta%C3%A7%C3%A3o%20biblica%20(1).pdf). Acesso em: 31 ago. 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível**: estética e política. 2. ed. São Paulo: Edição 34, 2005. 72 p. Mônica Costa Netto. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2015/05/ranciere-a-partilha-do-sensivel1.pdf>. Acesso em: 8 out. 2020.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. **O meio como ponto zero**: metodologia da pesquisa em

artes plásticas. Porto Alegre: Ufrgs, 2002. p. 123-140. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/206797>. Acesso em: 18 nov. 2020.

RICOEUR, Paul. **A Metáfora viva**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000. 504 p. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/a-metc3a1fora-viva.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2020.

RICOEUR, Paul. **A Metáfora viva**. Trad. Dion Davi Macedo. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006. 504 p.

SAMPAIO, W. B.; LAMARÃO, J. B. Metáfora ontológica: a personificação na narrativa mítica e nos processos de formação de palavras Tupí. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 7, n. 1, 2015. p. 113-133. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/16292-Texto%20do%20artigo-31547-1-10-20181105.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2020.

SEIDEL, Marisa Frohlich. Arte contemporânea: arte e vida. **Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. [S.L.], v. 7, n. 1, p. 52-64, ago. 2016. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/arte/arte-contemporanea-arte-e-vida?pdf=3774>. Acesso em: 4 nov. 2020.

SOUZA, Vitor Chaves de. A Metáfora no Nome de Deus: leituras em Paul Tillich e Paul Ricoeur. **Revista Eletrônica Correlatio**. São Paulo, v. 13, n. 25, 25 jun. 2014. p. 117-129. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/silo.tips_a-metaphora-no-nome-de-deus-leituras-em-paul-tillich-e-paul-ricoeur.pdf. Acesso em: 2 out. 2020.

STRÖHER, Carlos Eduardo; KREMER, Cássia Simone. Os pecados e os prazeres terrenos no Jardim das Delícias de Bosch. **Aedos**. Novo Hamburgo, v. 3, n. 7, p. 55-70, fev. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/viewFile/16015/11358>. Acesso em: 9 out. 2020.

ZOURABICHVILI, François. Deleuze e a questão da literaridade. **Educ. Soc.** Campinas, v. 26, n. 93, 2005. p. 1309-1321. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000400012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 ago. 2020. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302005000400012>.